

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS**

Daiane Cristina Machado

**ESTUDO SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS
DO MUNICÍPIO DE JOSÉ BONIFÁCIO - SP**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2018

Daiane Cristina Machado

**ESTUDO SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS
DO MUNICÍPIO DE JOSÉ BONIFÁCIO – SP**

UTFPR



Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Ensino de Ciências – Polo UAB do Município de Franca, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Profa. Dra. Saraspathy Naidoo Terroso Gama de Mendonça

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2018



TERMO DE APROVAÇÃO

“Estudo sobre orientação sexual nas escolas públicas do município de José
Bonifácio – SP.”

Por

Daiane Cristina Machado

Esta monografia foi apresentada às 15:30h do dia 01 de setembro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Ciências – Polo de Franca, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado.

Profa. Dra. Saraspathy Naidoo Terroso Gama de Mendonça
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof. Dr. Ismael Laurindo Costa Junior
UTFPR – Câmpus Medianeira

Profa. Dra. Silvana Ligia Vincenzi Bortolotti
UTFPR – Câmpus Medianeira

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me permitir realizar esse trabalho, e à minha família, por todo amor e apoio.

À minha orientadora Profa. Dra. Saraspathy Naidoo Terroso Gama de Mendonça, pela ajuda, paciência, incentivos e orientações ao longo do desenvolvimento desse trabalho. Sem sua orientação, esse trabalho não teria sido possível.

Aos professores do curso de Especialização em Ensino de Ciências, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira, pelos conhecimentos compartilhados durante todo o curso de especialização.

Aos tutores presenciais e a distância pelo auxílio no decorrer da pós-graduação.

Aos diretores e coordenadores pedagógicos das escolas do município de José Bonifácio-SP, por me receberem e abrirem o caminho até os professores participantes dessa pesquisa.

Aos professores do município de José Bonifácio-SP, pela disposição em participar dessa pesquisa.

Aos professores membros da banca examinadora da defesa de monografia, pela disponibilidade da presença e pelas sugestões para aprimorar esse trabalho.

Enfim, agradeço à todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta monografia de especialização. Muito obrigada!

RESUMO

MACHADO, Daiane Cristina. Estudo sobre orientação sexual nas escolas públicas do município de José Bonifácio – SP. 2018. 43 f. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

A orientação sexual na escola, quando bem conduzida leva à um desenvolvimento saudável da sexualidade de crianças e adolescentes. Dentro desse contexto, o professor é a peça fundamental para a execução e alcance dos objetivos desejados, portanto, este estudo teve como objetivos identificar o conhecimento e a prática de professores sobre orientação sexual, bem como ter uma dimensão do nível de dificuldade dos mesmos ao lidar com a temática sexualidade. Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, realizada em 2 escolas municipais e 2 escolas estaduais que oferecem o ensino fundamental II e médio do município de José Bonifácio-SP. A amostra foi constituída por 63 professores. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário. Os resultados apontaram que os docentes reconheceram sua falta de preparo técnico e pessoal para a função. Somam-se à isso, a falta de recursos materiais e de tempo para o preparo das aulas, o que compromete muito o desenvolvimento da orientação sexual na escola. Os professores apontaram também a necessidade de ajuda da família e do governo para esse trabalho. A maior parte dos docentes deste estudo (55,55% deles) disse abordar às vezes o tema sexualidade em sala de aula. A maioria (58,74% deles) também defendeu que essa abordagem deve ocorrer em todas as aulas, independente da disciplina. No entanto, alguns professores (22,22% deles) ainda passaram essa responsabilidade somente aos professores das disciplinas de Ciências e Biologia. Os professores apontaram que os adolescentes utilizam-se de várias fontes para recolher informações sobre sexualidade, e uma das maiores delas é a internet, o que causa preocupação quanto à qualidade das informações recolhidas. Em relação aos assuntos que deveriam ser abordados na escola, as Dsts, a AIDS, a gravidez na adolescência, e o aborto foram os indicados por 92,06% dos docentes. Eles também relataram que vários recursos pedagógicos, como vídeos, a internet, e jogos podem ser utilizados para se trabalhar esses e outros temas ligados à sexualidade. A grande parte dos professores entrevistados nesse estudo (65,08% deles) consideraram-se aptos a orientar seus alunos sobre sexualidade. Conclui-se, portanto, que os professores precisam ser capacitados tanto tecnicamente quanto pessoalmente para realizar a orientação sexual na escola, de modo que os estudantes consigam transformar os conhecimentos adquiridos em mudanças de pensamento e comportamentos, garantindo-se um desenvolvimento saudável da sexualidade desses jovens.

Palavras-chave: Educação sexual. Docentes. Sexualidade. Adolescentes.

ABSTRACT

MACHADO, Daiane Cristina. A study about the sexual orientation in the public schools of the municipality of José Bonifácio – SP. 2018. 43 f. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Sexual orientation in school, when well conducted leads to a healthy development of sexuality of children and adolescents. Within this context, the teacher is the fundamental piece for the execution and achievement of the desired objectives, therefore, this study had as objectives to identify the knowledge and the practice of teachers on sexual orientation, as well as having a dimension of their level of difficulty in dealing with the thematic sexuality. This is a descriptive-exploratory research carried out in 2 municipal schools and 2 state schools that offer elementary and secondary education in the municipality of José Bonifácio-SP. The sample consisted of 63 teachers. Data collection was performed through the application of a questionnaire. The results pointed out that the teachers acknowledged their lack of technical and personal training for the job. In addition, there is a lack of material resources and time for class preparation, which greatly compromises the development of sexual orientation in school. The teachers also pointed out the need for family and government help for this work. Most of the teachers in this study (55.55% of them) said they sometimes address the topic of sexuality in the classroom. The majority (58.74% of them) also argued that this approach should occur in all classes, regardless of discipline. However, some professors (22.22% of them) still passed this responsibility only to the professors of the disciplines of Sciences and Biology. Teachers pointed out that adolescents use various sources to gather information about sexuality, and one of the largest is the internet, which causes concern about the quality of information collected. Regarding the subjects that should be addressed at school, Dsts, AIDS, adolescent pregnancy, and abortion were indicated by 92.06% of teachers. They also reported that various pedagogical resources such as videos, the internet, and games can be used to work on these and other themes related to sexuality. Most of the teachers interviewed in this study (65.08% of them) considered themselves able to guide their students about sexuality. It is concluded, therefore, that teachers need to be trained both technically and personally to carry out sexual orientation in school, so that students can transform acquired knowledge into changes in thinking and behavior, ensuring a healthy development of the sexuality of these young.

Keywords: Sex education. Teachers. Sexuality. Teenagers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com o sexo.....	16
Gráfico 2 - Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com a faixa de idade.....	17
Gráfico 3 - Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com o estado civil.....	17
Gráfico 4 - Distribuição dos professores participantes desse estudo de acordo com o número de filhos que possuem.....	18
Gráfico 5 - Distribuição dos professores em relação a posse de filhos adolescentes.....	18
Gráfico 6 - Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com a renda familiar mensal.....	19
Gráfico 7 - Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com a religião.....	20
Gráfico 8 - Distribuição dos professores participantes do presente estudo por escola visitada.....	21
Gráfico 9 - Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com o nível de formação.....	22
Gráfico 10 - Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com o tempo de profissão.....	23
Gráfico 11 - Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com a disciplina que ministram.....	23
Gráfico 12 - Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com o período em que trabalham.....	24
Gráfico 13 - Frequência de desenvolvimento de atividades de educação sexual nas escolas visitadas de acordo com a opinião dos professores do presente estudo.....	25
Gráfico 14 - Responsáveis pela orientação sexual dos adolescentes na opinião dos professores do presente estudo.....	26
Gráfico 15 - Momentos nos quais se deveria falar sobre sexualidade na escola, na opinião dos professores do presente estudo.....	28

Gráfico 16 - Fontes as quais os adolescentes recorrem para obter informações sobre sexualidade, na opinião dos professores do presente estudo.....	29
Gráfico 17 - Recursos pedagógicos que poderiam ser utilizados para se falar sobre sexualidade na escola, na opinião dos professores do presente estudo.....	30
Gráfico 18 - Assuntos que deveriam ser abordados na escola, na opinião dos professores do presente estudo.....	31
Gráfico 19 - Frequência da abordagem de temas sobre sexualidade pelos professores do presente estudo.....	32
Gráfico 20 - Preparo dos professores do presente estudo para orientar os alunos sobre sexualidade.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 DEFINIÇÃO DE SEXUALIDADE	10
2.2 PROGRAMAS DE ORIENTAÇÃO SEXUAL	10
2.3 ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE	11
2.4 ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA	12
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
3.1 LOCAL DA PESQUISA	14
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	14
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	14
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	15
3.5 ANÁLISES DOS DADOS	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICES.....	39
APÊNDICE A.....	40

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade tem sido muito discutida na atualidade. Mas, apesar disso, muitos ainda a desconhecem. Porque é tão importante abordar esse tema?

Mesmo sendo bombardeados diariamente por conteúdos envolvendo a sexualidade por meio da tv, internet e outros meios de comunicação, muitas vezes essas fontes de informações não esclarecem corretamente as dúvidas que surgem do público sobre esse assunto.

Diante desse contexto, a escola se coloca como um local que deve sempre estar buscando conhecer e esclarecer as dúvidas, inquietações e questionamentos dos seus alunos, principalmente dos adolescentes, mostrando à eles que a sexualidade não é somente sexo, e que também não pode ser vista como algo banal, como muitas vezes a mídia tem mostrado.

Conforme defende os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. Há também a presença clara da sexualidade dos adultos que atuam na escola. Pode-se notar, por exemplo, a grande inquietação e curiosidade que a gravidez de uma professora desperta nos alunos menores. Os adolescentes testam, questionam e tomam como referência a percepção que têm da sexualidade de seus professores, por vezes desenvolvendo fantasias, em busca de seus próprios parâmetros. Todas essas questões são expressas pelos alunos na escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa. (BRASIL, 1997, p. 08).

Portanto, considerando-se que a orientação sexual é essencial para o desenvolvimento seguro da sexualidade na adolescência, que a escola é um local apropriado para se debater esse tema e o professor se constitui como um personagem importante para sua realização, o presente trabalho possui como objetivo identificar o conhecimento e a prática de professores sobre orientação sexual e ter uma dimensão do nível de dificuldade dos mesmos ao lidar com a sexualidade dos seus alunos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DEFINIÇÃO DE SEXUALIDADE

Em 1975, a Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu a sexualidade como "uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas." (JARDIM, 2008; ANDRADE e MONTEIRO, 2013).

A psicanálise define sexualidade como "toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual." (LAPLANCHE, 1992).

Diante disso, como defendido por Jardim (2008), "a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é também social e política, construída ao longo de toda a vida, envolvendo rituais, linguagens e representações, baseados na cultura dos sujeitos, cujas formas de expressão são socialmente estabelecidas."

2.2 PROGRAMAS DE ORIENTAÇÃO SEXUAL

No Brasil, foi na década de 70 e 80 que a sexualidade começou a ser discutida nos meios de comunicação, quando a Aids tornou-se um sério problema de saúde pública. Logo esse tema alcançou os currículos escolares. Grupos como o movimento feminista e o movimento *gay* também iniciaram e se engajaram nesses debates sobre sexualidade (ANDRADE e MONTEIRO, 2013).

Em 1989, começaram a ser implantados nas escolas municipais de São Paulo programas de Orientação Sexual, aparecendo como pioneiro o Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) sob a coordenação de Antonio Carlos Egypto a convite do então secretário de educação professor Paulo Freire. Ao GTPOS

uniram-se outras organizações não-governamentais com o objetivo de discutir e defender a orientação sexual para todas as crianças e adolescentes (SUPLICY et al., 2000; SUPLICY et al., 2004).

Em 1997, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) criou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), cujas propostas devem ser adaptadas à realidade de cada comunidade escolar, servindo como base para a revisão ou elaboração de propostas curriculares próprias.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem cinco temas transversais, voltados ao ensino fundamental e médio, escolhidos em função da necessidade que a sociedade brasileira possui de discutir esses assuntos. Esses temas são: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (MEC), 1997; BEIRAS et al., 2005).

2.3 ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE

A adolescência também tem sido tema de muitos estudos na atualidade. Durante esse período da vida, o adolescente passa por intensas transformações estimuladas por hormônios, que culminam na aquisição de sua identidade sexual (BRÊTAS, 2004; GONÇALVES et al., 2013).

Durante a adolescência, o adolescente fica exposto à muitos riscos físicos, psíquicos e sociais, como a gravidez precoce e a transmissão de DSTs, principalmente a Aids. Diante disso, a família, a sociedade e a escola são importantes para o desenvolvimento de ações educativas, ajudando o adolescente a enfrentar situações de risco, que muitas vezes ele mesmo gera (JARDIM e BRÊTAS, 2006; MOREIRA e FOLMER, 2011).

A educação sexual é prioritariamente um dever da família, mas independentemente dessa cumprir ou não o seu papel, a sexualidade é debatida abertamente na sociedade e nos meios de comunicação, influenciando o comportamento de inúmeros adolescentes, com informações muitas vezes erradas sobre o tema. A escola, nesse contexto, se coloca como um local apropriado para o desenvolvimento de um programa de orientação sexual para as crianças e adolescentes, incentivando indiretamente as famílias a desempenharem seu papel (BRASIL, 1994; JARDIM e BRÊTAS, 2006; GONÇALVES et al., 2013).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) sugerem a orientação sexual na escola, dando autonomia aos estabelecimentos de ensino para decidirem a forma de abordarem esse tema (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 1997).

2.4 ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

A orientação sexual é caracterizada pela passagem de informações sobre temas ligados à sexualidade, favorecendo discussões, reflexões, e questionamentos sobre posturas, tabus, regras, valores, relacionamentos interpessoais e comportamentos sexuais. Essa definição é diferente do conceito de educação sexual, que corresponde ao processo de aprendizagem sobre sexualidade de maneira informal e ao longo da vida (PECORARI, 2005).

A orientação sexual pode ocorrer na escola, pelo fato da mesma ser um local de transmissão de informações baseadas no conhecimento científico, discernindo as regras infundadas e preconceituosas. Outro fator importante para a implementação da orientação sexual na escola, é que os alunos passam muito tempo dentro desse local, e ela é um ambiente que favorece a socialização e o acesso à troca de experiências, sobretudo pelo fato dos alunos estarem no mesmo estágio do desenvolvimento (PECORARI, 2005).

No entanto, é observável que as escolas enfrentam muitas dificuldades para desenvolverem práticas em orientação sexual, e muitas vezes não oferecem espaço para que ocorram debates sobre sexualidade de forma contínua. Entre os problemas enfrentados pelas escolas que dificultam esses debates estão principalmente a falta de docentes capacitados para a discussão do tema e a falta de recursos materiais.

A orientação sexual quando bem realizada nas escolas obtêm alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar (devido ao alívio de tensões e preocupações com questões da sexualidade) e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Quanto às crianças menores, o recebimento de informações corretas ajuda a diminuir a angústia e a agitação em sala de aula. No caso dos adolescentes, as manifestações da sexualidade tendem a deixar de ser fonte de agressão, provocação, medo e angústia, para tornarem-se assunto de reflexão (VERUSSA e COAN, 2011).

No entanto, vários estudos têm mostrado que os professores sentem-se despreparados para abordar assuntos sobre sexualidade em sala de aula, o que contraria o esperado, já que se espera que os docentes estejam preparados para polemizar, lidar com valores, tabus e preconceitos dentro da sala de aula (TONATTO e SAPIRO, 2002; SUPLICY et al., 2004).

Como visto, no ambiente escolar, o professor se configura como o grande agente na integração da orientação sexual na vida dos estudantes. Sendo assim, a grande questão que se coloca é a seguinte, como também indagado por Jardim e Brêtas (2006): “será que esse personagem está preparado para essa tarefa?”

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 LOCAL DA PESQUISA

O estudo foi realizado durante o primeiro semestre de 2018, em 2 escolas públicas municipais e em 2 escolas públicas estaduais, situadas no município de José Bonifácio, no estado de São Paulo.

Devido ao sigilo requerido pela pesquisa, as escolas foram denominadas de Escola 1, 2, 3 e 4. A Escola 1 atende alunos dos Anos Iniciais e dos Anos Finais do Ensino Fundamental II. A Escola 2 oferece os Anos Iniciais e os Anos Finais do Ensino Fundamental II e EJA (Educação de Jovens e Adultos). As duas escolas, 1 e 2 são municipais.

A Escola 3, atende estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA. A Escola 4 oferece os anos finais do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. As duas escolas, 3 e 4 são estaduais.

José Bonifácio possui uma população estimada de 36.198 habitantes em 2017 e uma área de 860,200 km² (2016). Localiza-se no noroeste do estado, a 467 km da cidade de São Paulo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- (IBGE), 2018).

3.2 TIPO DE PESQUISA

O presente estudo é uma pesquisa do tipo descritivo-exploratória. O estudo descritivo descreve as características de determinada população ou fatos e fenômenos de determinada realidade (HABER, 2001).

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes dessa pesquisa foram no total 63 professores de ambos os sexos e de diversas disciplinas, pertencentes ao quadro docente do ano letivo de 2018 de 2 escolas públicas municipais e de 2 escolas públicas estaduais do município de José Bonifácio– SP.

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta dos dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário (Apêndice A), com 20 perguntas. O questionário utilizado nesse trabalho foi adaptado de Jardim (2008).

As perguntas do questionário solicitaram em um primeiro momento informações como sexo, idade, estado civil, renda familiar, religião, formação do professor, tempo de profissão e disciplina que ministra. Posteriormente, as questões solicitaram a opinião dos professores quanto à orientação sexual na escola, bem como seu preparo para exercê-la.

Os questionários foram respondidos por professores dos períodos matutino, vespertino e noturno.

3.5 ANÁLISES DOS DADOS

A análise dos dados obtidos com o questionário foi baseada em estatística descritiva, sendo que os resultados foram apresentados por meio de gráficos com a porcentagem correspondente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população desse estudo foi constituída por 63 professores, sendo 46 do sexo feminino (73% do total de docentes) e 17 do sexo masculino (27% do total de docentes), como se observa no Gráfico 1.

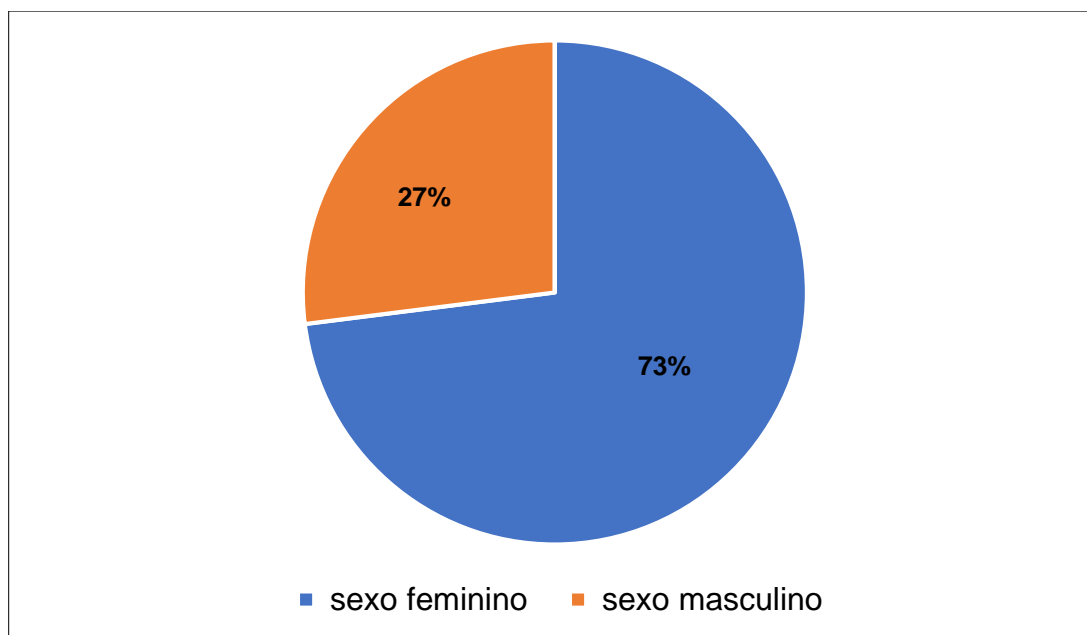


Gráfico 1. Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com o sexo. Fonte: Autoria própria (2018).

A maior parte dos professores que responderam o questionário foi do sexo feminino (73% do total de docentes), como nota-se no Gráfico 1. Esse resultado já era esperado, pois dados de 2017 do Censo Escolar realizado pelo MEC/Inep indicaram a presença majoritária de mulheres na Educação Básica, totalizando 80% do total de docentes nessa etapa de ensino (BRASIL, MEC/INEP, 2017).

Em relação à idade, como se observa no Gráfico 2, a maior parte dos professores possuem de 41 à 50 anos (34,92%), e a menor porcentagem é de professores com mais de 60 anos (1,59%). Quanto ao estado civil, a maioria dos docentes são casados (60,32%), e o menor número é de viúvos (1,59%), conforme nota-se no Gráfico 3. A maior parte possui somente 2 filhos (31, 75% dos docentes), e somente 11,11% deles possuem 3 filhos. Nenhum dos professores que responderam o questionário possui 4 ou mais filhos (Gráfico 4). A maioria dos docentes (65,08%) não possui filhos adolescentes, como observa-se no Gráfico 5.

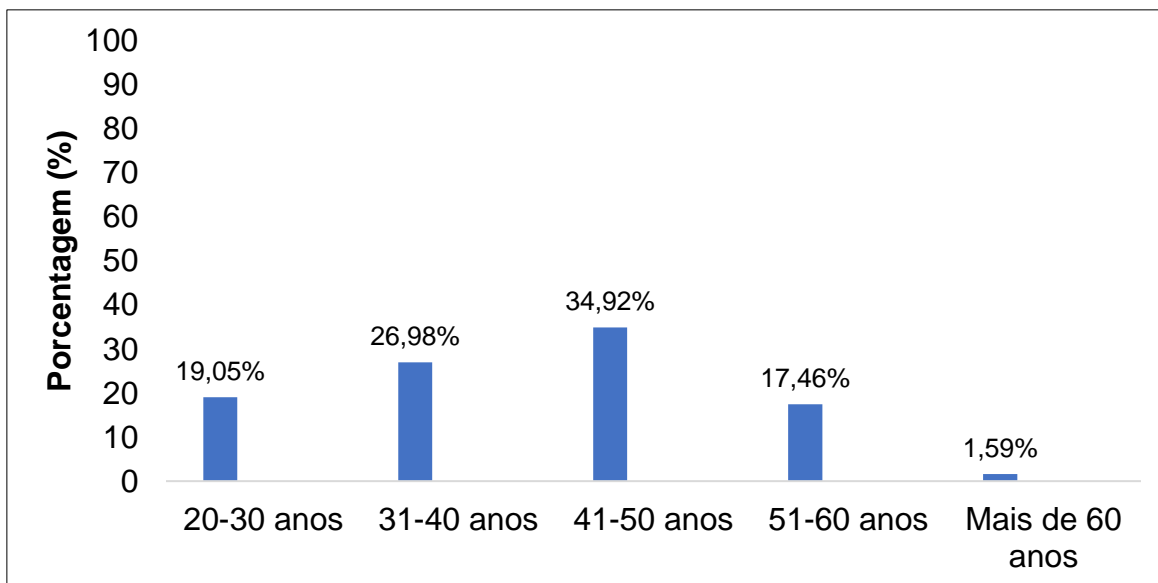


Gráfico 2. Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com a faixa de idade.

Fonte: Autoria própria (2018).

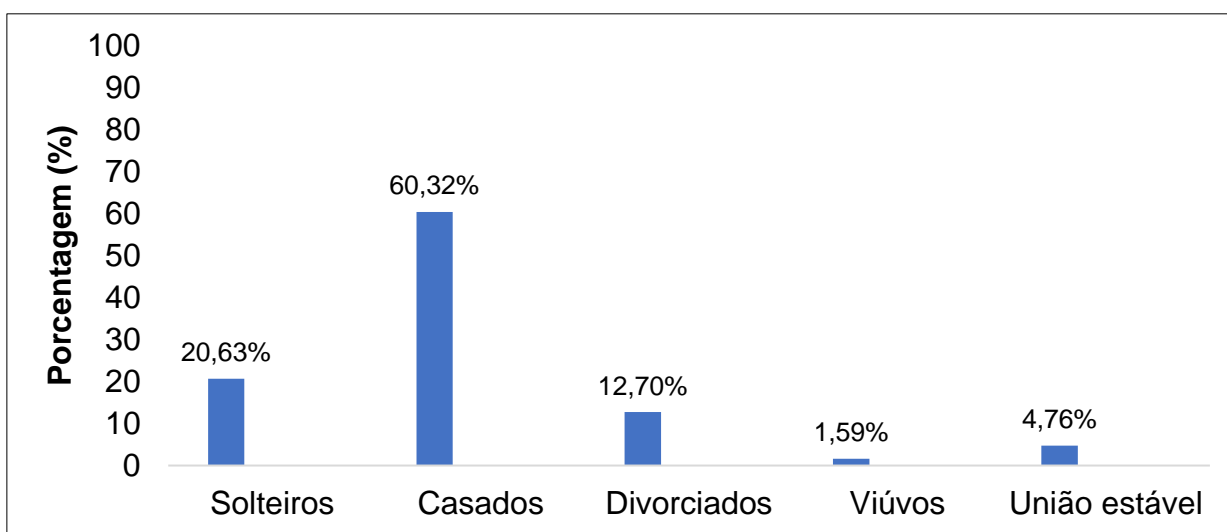


Gráfico 3. Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com o estado civil.

Fonte: Autoria própria (2018).

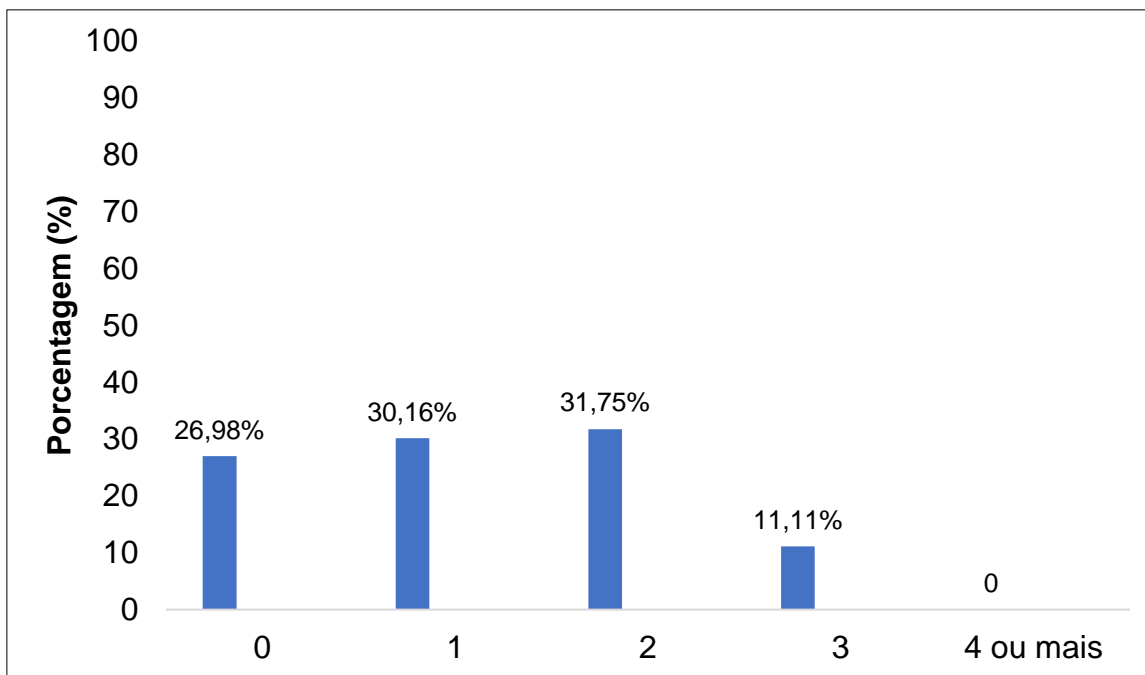


Gráfico 4. Distribuição dos professores participantes desse estudo de acordo com o número de filhos que possuem.

Fonte: Autoria própria (2018).

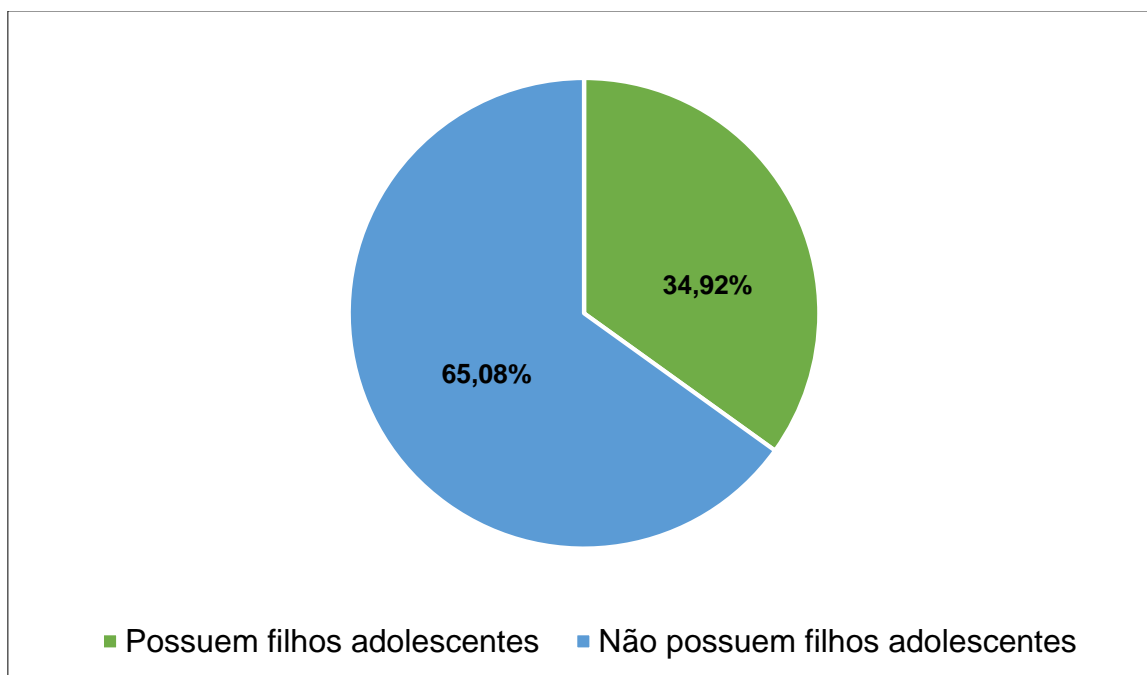


Gráfico 5. Distribuição dos professores em relação a posse de filhos adolescentes.

Fonte: Autoria própria (2018).

Apesar da maioria dos professores não possuir filhos adolescentes, esse estudo procurou identificar principalmente a opinião de professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio sobre orientação sexual na escola, devido ao fato

desses docentes estarem em contato diário com adolescentes em suas rotinas de trabalho.

Segundo Moreira e Folmer (2011), as questões relacionadas à sexualidade surgem na adolescência com maior intensidade em função da identidade sexual e orientação sexual, pois o adolescente está procurando descobrir-se, o que acaba gerando muitas dúvidas e curiosidades em relação à esse tema.

O adolescente diante de grandes mudanças e conflitos sente-se inseguro, necessitando do acolhimento de um adulto, que deveria inicialmente ser os próprios pais/responsáveis do jovem, podendo haver reforço desse apoio por parte dos professores e profissionais da saúde (como médico, enfermeiro, e psicólogo) (MOREIRA e FOLMER, 2011).

Em relação à renda familiar mensal, a maioria dos professores desse estudo (44,44% deles) apresentam renda familiar mensal de mais de R\$ 4000 por mês, enquanto a menor porcentagem deles (1,59% do total de docentes) apresentam renda familiar mensal de até R\$ 1000 (Gráfico 6). E quanto à religião, os adeptos da católica apareceram em maior frequência, totalizando 73,01% do total de docentes, seguida pela evangélica, representada por 7,94% do total de professores (Gráfico 7).

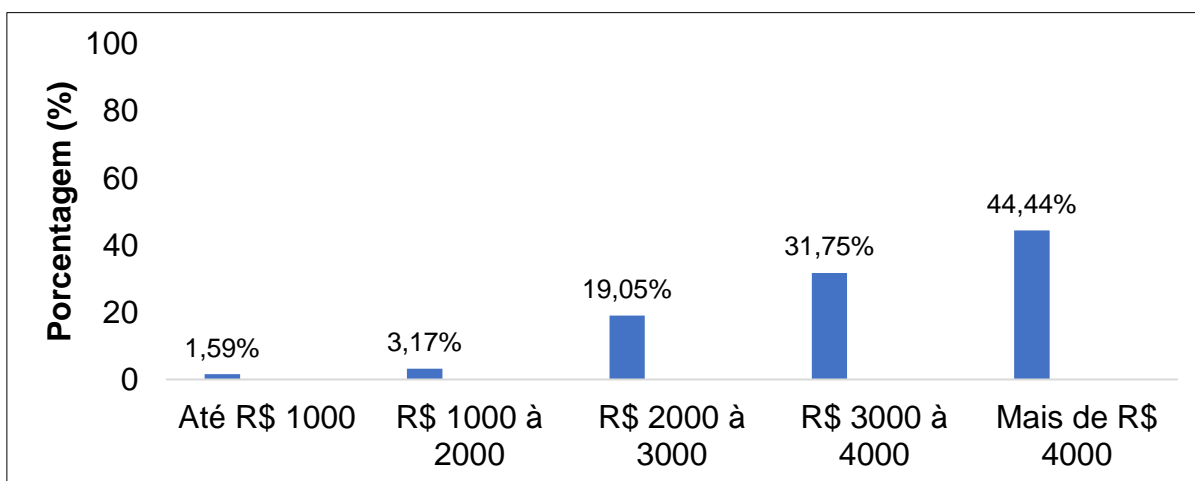


Gráfico 6. Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com a renda familiar mensal.

Fonte: Autoria própria (2018).

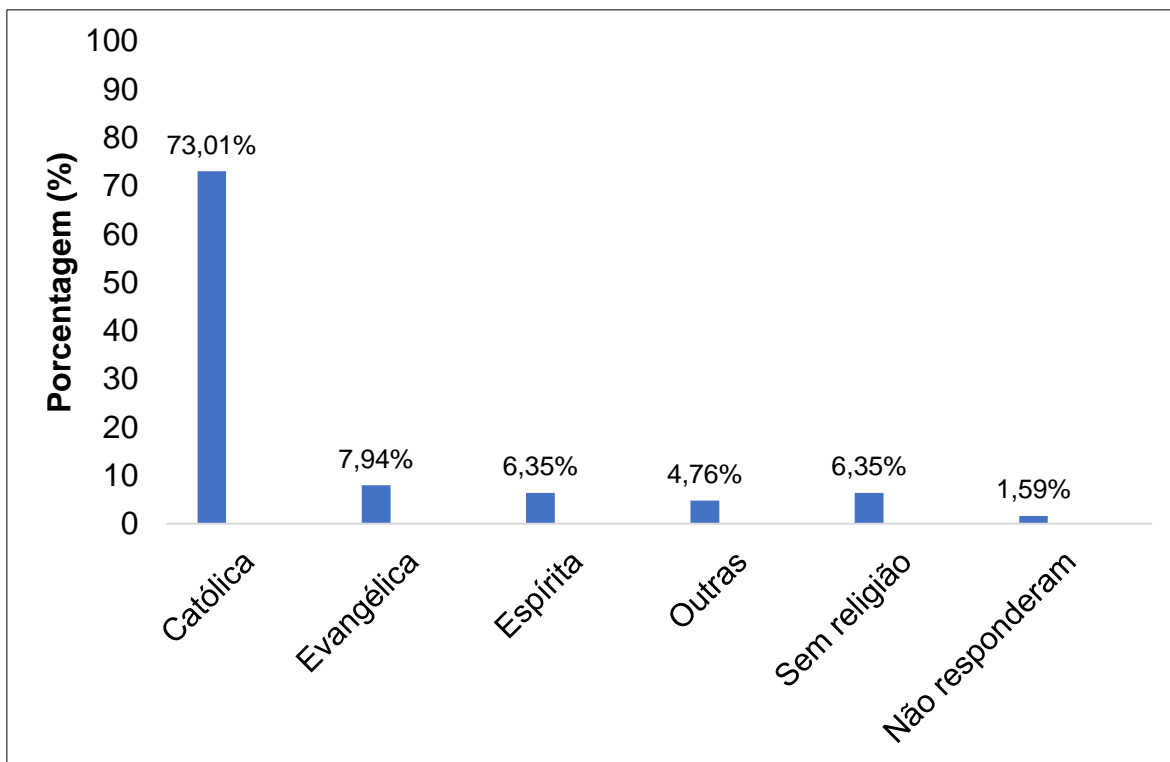


Gráfico 7. Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com a religião.
Fonte: Autoria própria (2018).

Conhecidas as informações sócio-demográficas dos professores participantes do presente estudo, seguem em seguida, algumas informações profissionais desses docentes, como número de professores que responderam o questionário por escola visitada, nível de formação, tempo de profissão, disciplina ministrada, carga horária de trabalho diária, e desenvolvimento de atividades de educação sexual/orientação sexual por parte das escolas nas quais cada professor trabalha.

Foram visitadas quatro escolas, duas escolas municipais (Escolas 1 e 2), e duas escolas estaduais (Escolas 3 e 4), e o número de professores que responderam o questionário em cada uma delas pode ser observado no Gráfico 8.

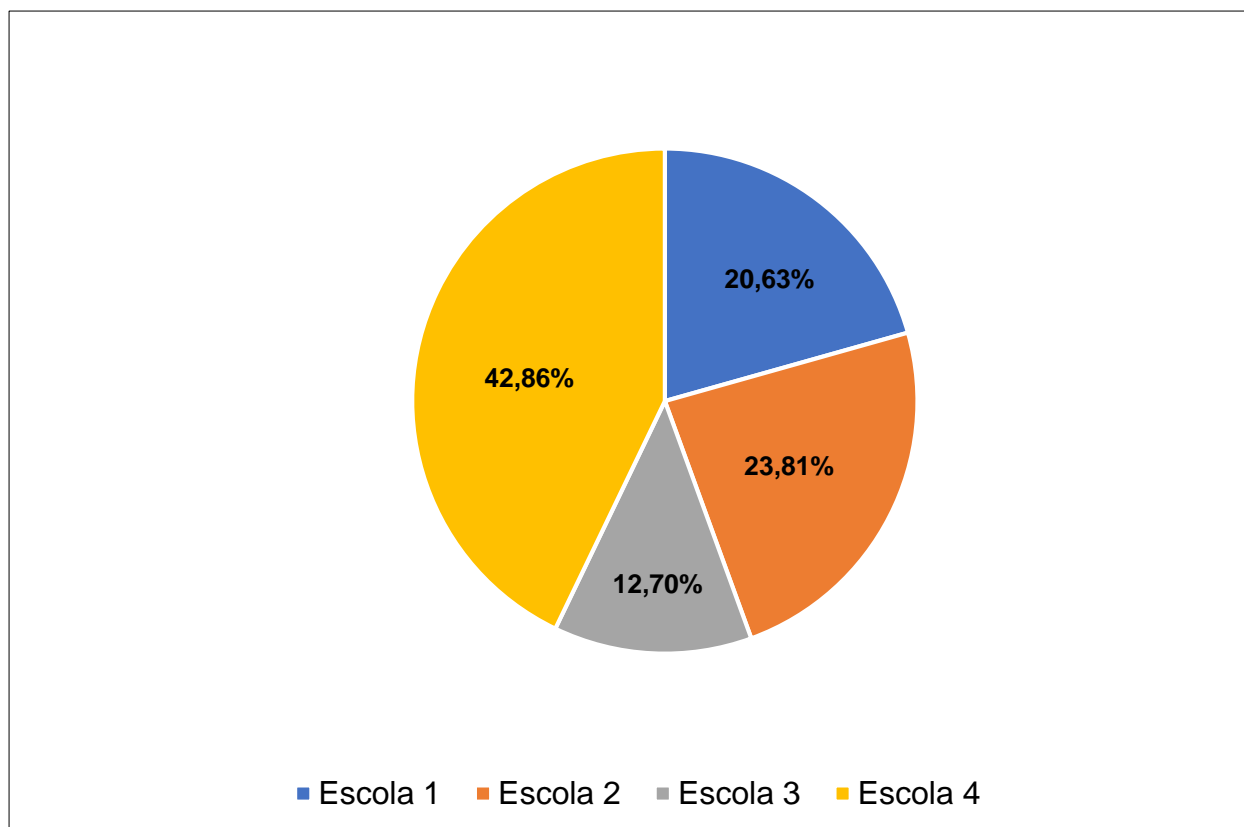


Gráfico 8. Distribuição dos professores participantes do presente estudo por escola visitada.
Fonte: Autoria própria (2018).

Quanto à formação profissional dos sujeitos desse estudo, a maior parte dos professores (61,91% deles) realizou somente a graduação, no entanto, como observado no Gráfico 9, uma parcela significativa dos docentes concluíram cursos de especialização (30,16%), confirmando que apesar de muitos professores conviverem com problemas como salários baixos, desvalorização da profissão, burocratização e deterioração das escolas, desgaste físico e mental, falta de tempo entre outros aspectos, ainda assim procuram cursos buscando maior qualificação, o que pode se reverter em melhorias em suas práticas pedagógicas (MARTINEZ, 2012).

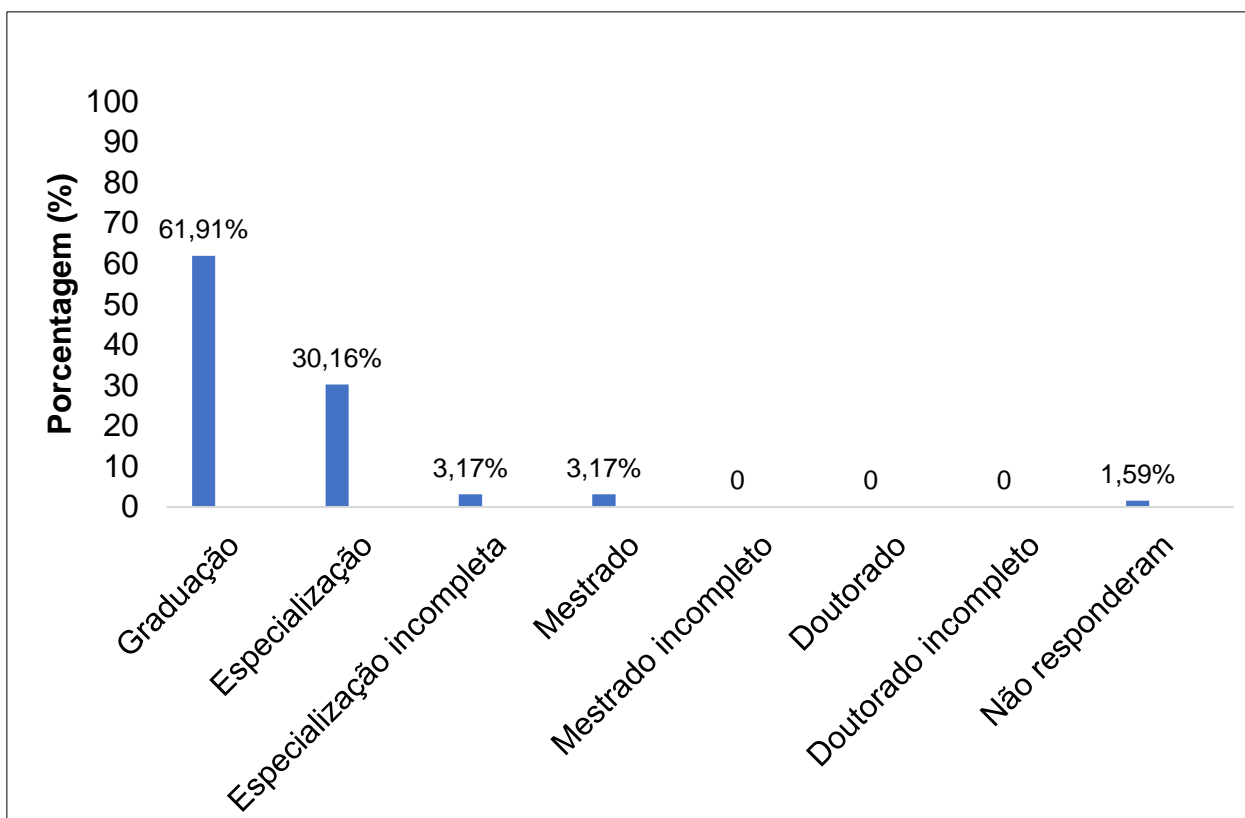


Gráfico 9. Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com o nível de formação.

Fonte: Autoria própria (2018).

Em relação ao tempo de profissão, a maior parte dos docentes (69,84% deles) apresentam até 20 anos de docência, conforme observa-se no Gráfico 10. A maioria deles (42,86%) ministram mais de uma disciplina, prática comum observada principalmente nas escolas estaduais visitadas, nas quais um grande número de docentes ministram disciplinas correlatas à sua área de formação (Exemplo: Professor formado em Matemática, que também ministra Física) (Gráfico 11).

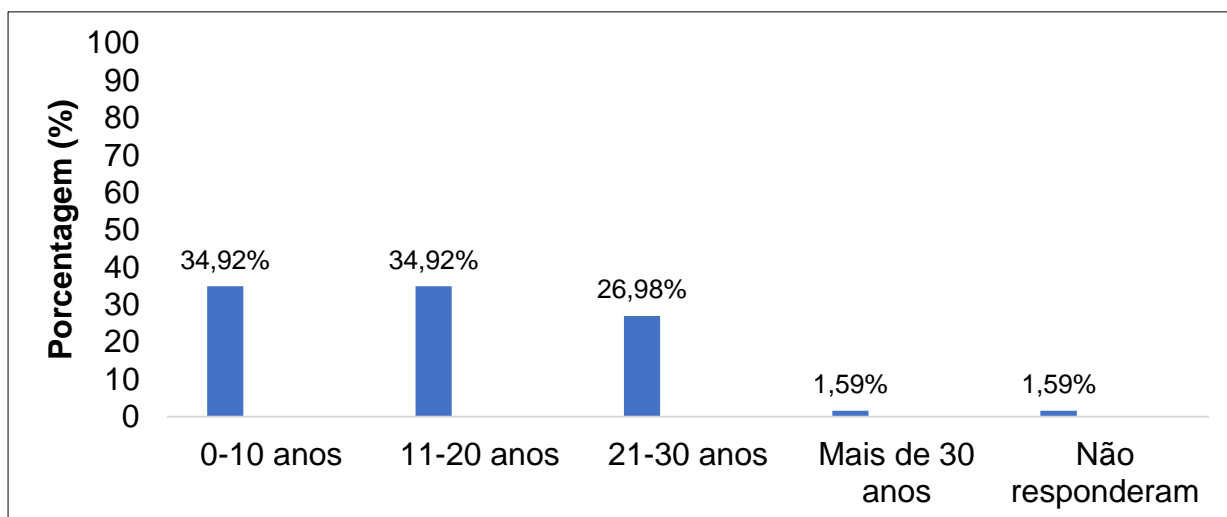


Gráfico 10. Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com o tempo de profissão.

Fonte: Autoria própria (2018).

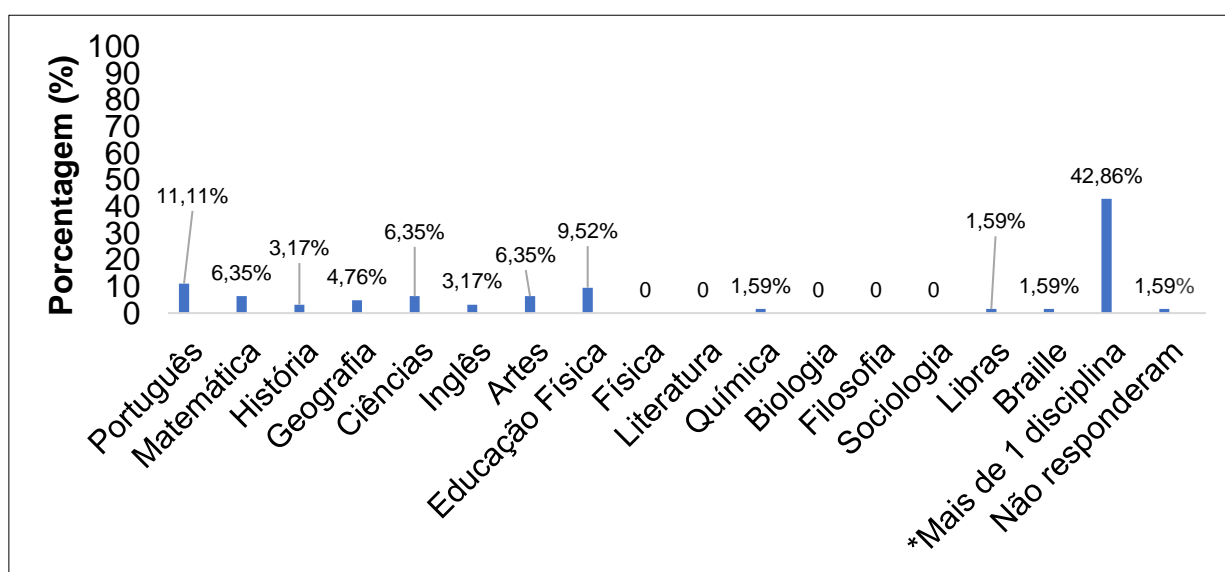


Gráfico 11. Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com a disciplina que ministram.

Fonte: Autoria própria (2018).

*Dois professores do **Ensino Fundamental I** responderam ao questionário e foram mantidos como participantes desse estudo. Como são docentes polivalentes foram contabilizados como ministrantes de mais de 1 disciplina (Gráfico 11).

Como observado, a maior parte dos docentes (47,62% deles) trabalham em dois períodos diariamente (manhã e tarde), seguido por um grande número (36,50%) que trabalha três períodos diariamente (manhã, tarde e noite), como observado no Gráfico 12.

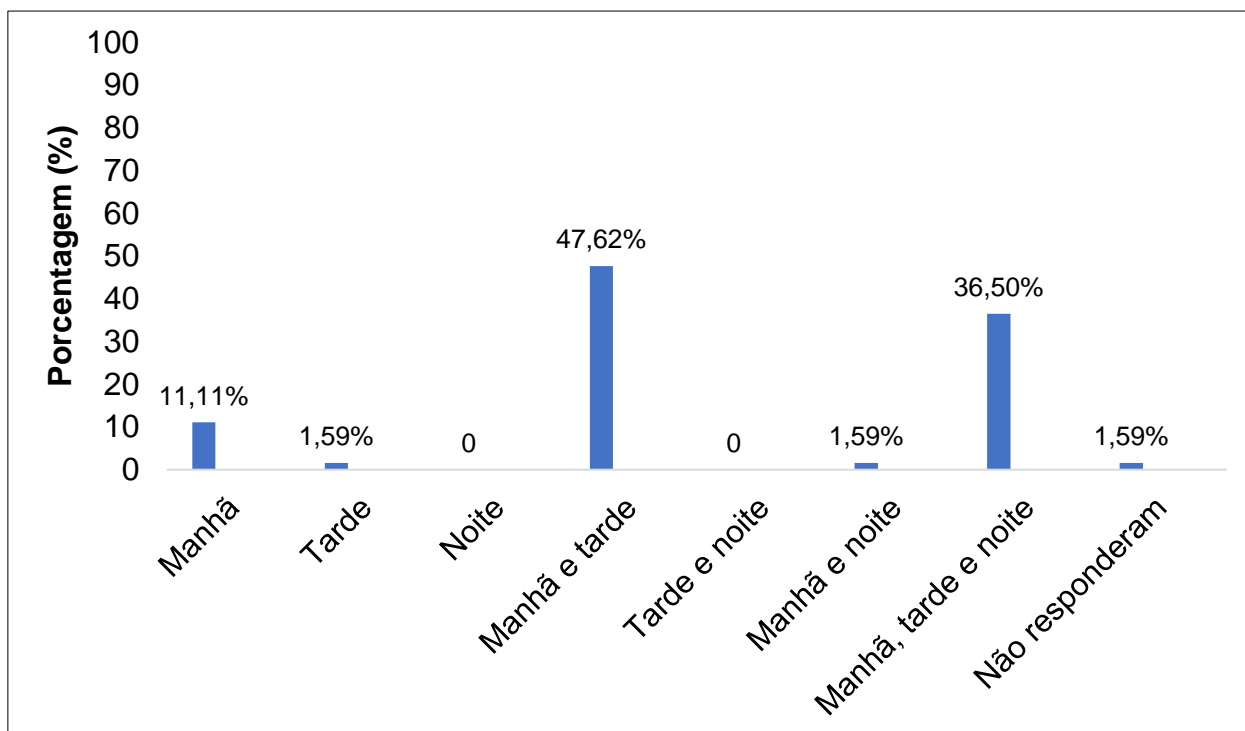


Gráfico 12. Distribuição dos professores participantes do presente estudo de acordo com o período em que trabalham.

Fonte: Autoria própria (2018).

Conhecidas as características sócio-demográficas e profissionais dos professores desse estudo, são apresentadas a seguir informações sobre a opinião dos docentes quanto à orientação sexual na escola.

Como observado no Gráfico 13, atividades de educação sexual/orientação sexual nas escolas visitadas não são frequentes. Toda exaustão e sobrecarga da função docente acaba resultando em falta de tempo e disposição desses profissionais na busca por atualizações, realização de pesquisas, e etc, e, conseqüentemente, a implementação da Orientação Sexual na escola fica praticamente de lado ou em segundo plano (JARDIM, 2008). Em adição, como defendido por Silva e Megid Neto (2006), “a não obrigatoriedade dos PCNs, associada à tendência ao conservadorismo e à estagnação que a escola está sujeita, como qualquer outra instituição social, torna possível que a implantação da Educação Sexual continue restrita apenas à algumas experiências isoladas”.

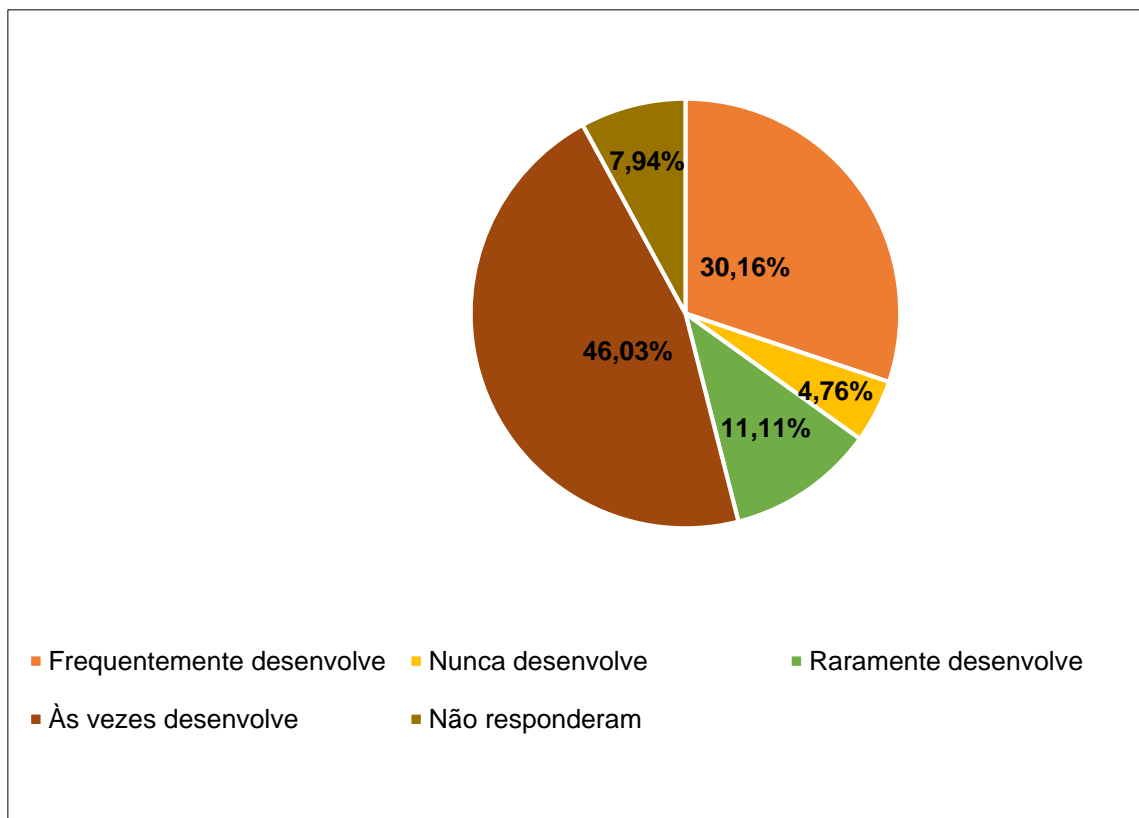


Gráfico 13. Frequência de desenvolvimento de atividades de educação sexual nas escolas visitadas de acordo com a opinião dos professores do presente estudo.

Fonte: Autoria própria (2018).

Conforme observado no Gráfico 14, a maior parte dos professores desse estudo (60,32% deles) acreditam que a responsabilidade da Orientação Sexual deve ser compartilhada entre a família, os professores e o governo. Em segundo lugar, indicada por 33,33% dos docentes, a família apareceu como única responsável pela orientação sexual dos adolescentes. Os dados obtidos indicam a grande importância que os professores desse estudo conferem à família e ao governo nesse processo, apesar dos dois não estarem constantemente presentes no ambiente escolar.

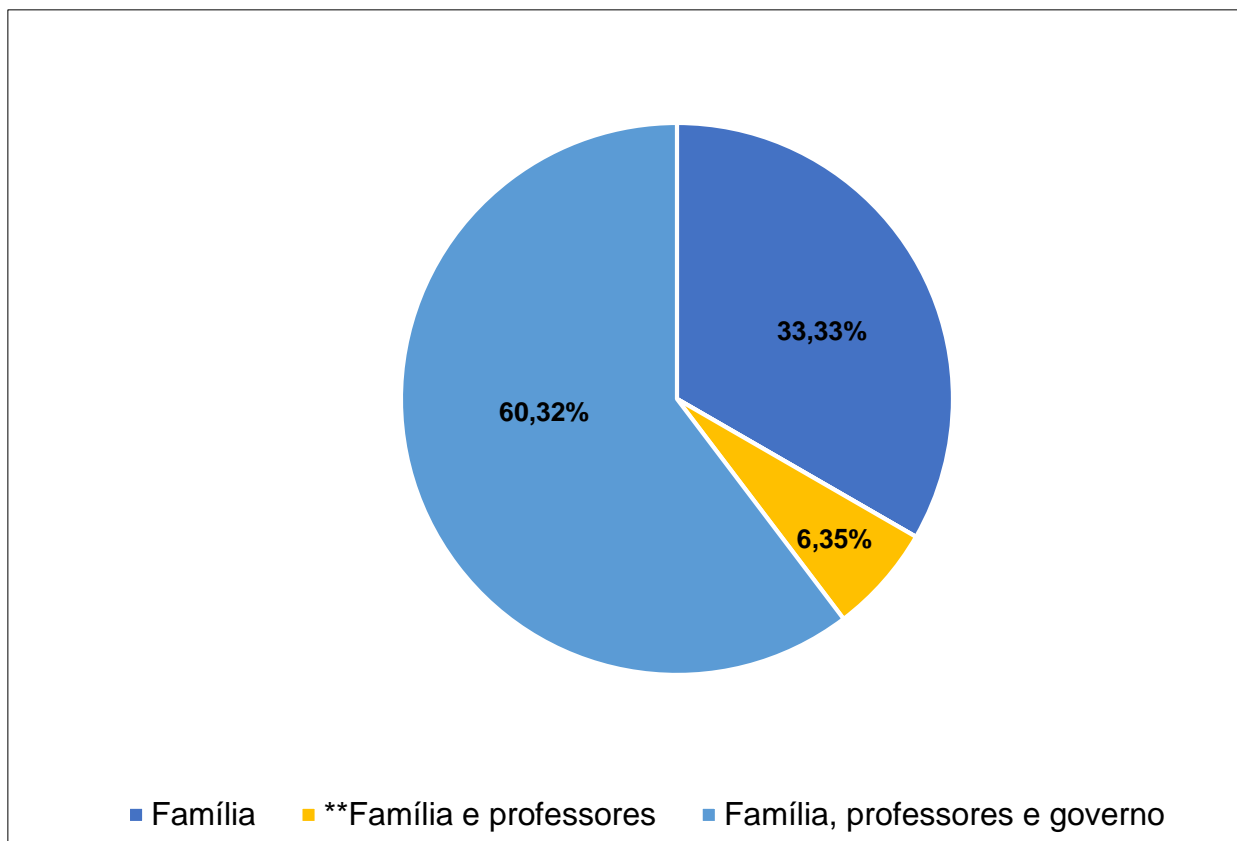


Gráfico 14. Responsáveis pela orientação sexual dos adolescentes na opinião dos professores do presente estudo.

Fonte: Autoria própria (2018).

**Foi solicitado aos professores que eles assinalassem apenas 1 das alternativas das questões objetivas do questionário, no entanto em algumas questões como se pode observar no gráfico 14, os docentes assinalaram mais de 1 alternativa.

A orientação sexual se inicia na família onde a criança está inserida. Mas muitos pais não conversam com os filhos sobre esse tema por acharem constrangedor dialogar sobre sexo, seja pela educação recebida por eles, seja pela criação rígida dos filhos ou por não saberem como abordar esse assunto com eles.

Diante disso, é na escola que a orientação sexual acaba sendo trabalhada, e esse ambiente acaba por disseminar conhecimentos sobre a sexualidade (TEODORO e CUNHA, 2014).

Dentro desse contexto, como defendido por Pirotta e colaboradores (2008), os temas de saúde e orientação sexual devem ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização, nas mais diversas oportunidades dentro e também fora da sala de aula, incluindo os diferentes sujeitos da comunidade escolar (como pais, professores, diretores, alunos, e outros profissionais da escola) como também de seu

entorno (como profissionais de saúde, organizações não-governamentais (ONGs), e etc.).

Dessa forma, cabe à escola em parceria com diferentes setores sociais desenvolver uma ação crítica e reflexiva que promova a saúde e o pleno desenvolvimento da sexualidade de crianças e adolescentes.

Quanto ao momento para a abordagem da sexualidade na escola, para a maioria dos professores desse estudo (58,74% deles), se deveria falar sobre sexualidade em todas as aulas, independente da disciplina ministrada pelo professor (Gráfico 15). Esse dado indica que os professores desse estudo não vinculam a prática da orientação sexual somente às disciplinas de Ciências e Biologia.

De acordo com os PCNs, a orientação sexual sendo um tema transversal não se constitui uma nova disciplina, mas sim uma articulação entre todas as disciplinas já existentes (LEÃO, 2009; LEÃO, 2010).

No entanto, vindo logo em seguida, um número considerável de professores (22,22% deles) ainda deixou a tarefa da orientação sexual somente aos professores de Ciências e Biologia, como se tem observado em vários outros estudos (Gráfico 15). Nesse contexto, durante a maioria dessas aulas, o conteúdo programático tem se limitado às questões biológicas da sexualidade humana, reduzindo-a à atividade puramente sexual, vinculando sexo à gravidez, à doença, ao desprazer; impossibilitando-se qualquer relação entre sexualidade e prazer, e sexualidade e afetividade. A atividade sexual, por sua vez, muitas vezes é citada por meio de uma perspectiva moral, em que ficam explícitos os valores e preconceitos do próprio professor em relação ao tema (JARDIM, 2008; MOURA, 2011; BANDEIRA et al., 2016).

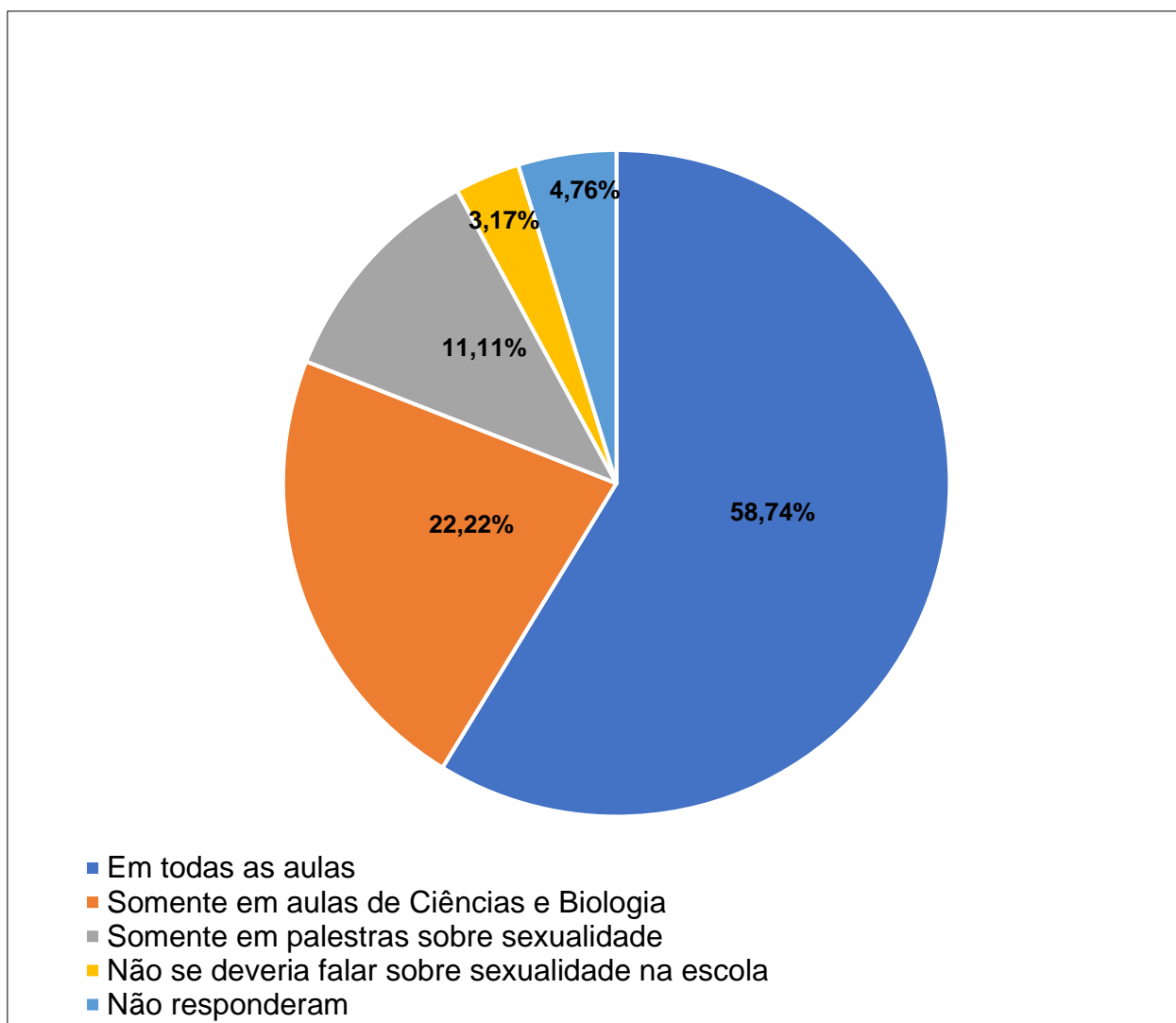


Gráfico 15. Momentos nos quais se deveria falar sobre sexualidade na escola, na opinião dos professores do presente estudo.

Fonte: Autoria própria (2018).

Quando perguntados sobre as fontes que os adolescentes recorrem para obter informações sobre sexualidade, a maioria dos entrevistados (52,38% deles) responderam que os adolescentes utilizam-se de mais de uma das fontes listadas na questão (que foram a TV, a internet, os amigos, a família, e a categoria “outros” que deveria ser indicada discursivamente pelos professores no questionário). Muitos docentes indicaram no campo “outros” que os próprios professores se constituem em uma fonte de informação sobre sexualidade para os seus alunos. Em segundo lugar, como fonte importante de informações apareceu a Internet, indicada por 30,16% do total de entrevistados (Gráfico 16).

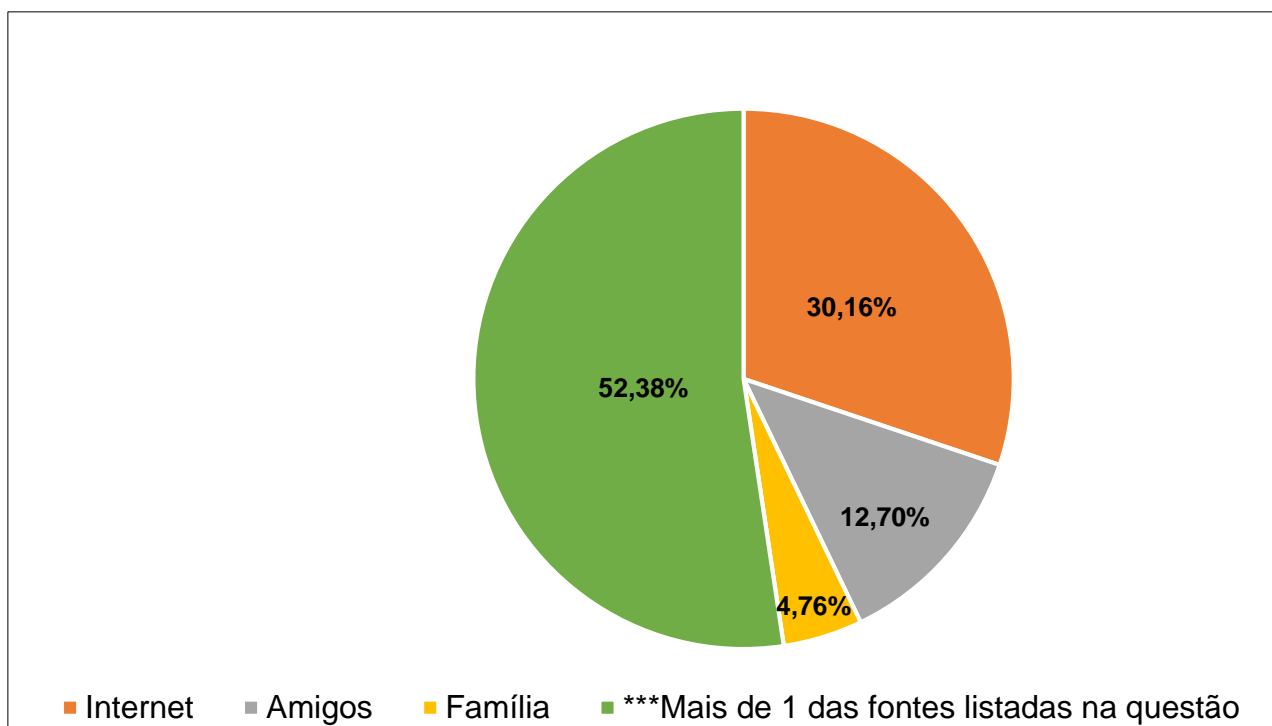


Gráfico 16. Fontes as quais os adolescentes recorrem para obter informações sobre sexualidade, na opinião dos professores do presente estudo.

Fonte: Autoria própria (2018).

***Foi solicitado aos professores que eles assinalassem apenas 1 das alternativas das questões objetivas do questionário, no entanto em algumas questões como se pode observar no gráfico 16, os docentes assinalaram mais de 1 alternativa.

Os materiais midiáticos (como jornais, revistas, sites da Internet, programas de TV, filmes e etc.) são fontes de diversas informações sobre sexualidade, e considerando que atualmente o acesso à eles é cada vez maior, cresce também a importância de que os adolescentes sejam preparados para reconhecer fontes confiáveis, conseguindo identificar quando há a transmissão de conteúdos distorcidos ou preconceituosos (DESIDÉRIO, 2016).

Como relatado por Jardim (2008), independente da forma como o aluno adquiriu conhecimento sobre sexualidade, a Orientação Sexual na escola deve preencher as lacunas nas informações que os adolescentes já possuem, criando a possibilidade deles formarem uma opinião do que lhes é ou foi apresentado.

Finalizando os resultados obtidos nessa pesquisa, são apresentados em seguida, dados relativos à prática dos professores na Orientação Sexual na escola.

Como observado no Gráfico 17, quando perguntados sobre os recursos pedagógicos que poderiam ser utilizados para se falar sobre sexualidade, a maioria

dos docentes (77,78% deles) assinalaram que os três recursos (vídeos, internet e jogos) citados na questão podem ser utilizados para esse fim.

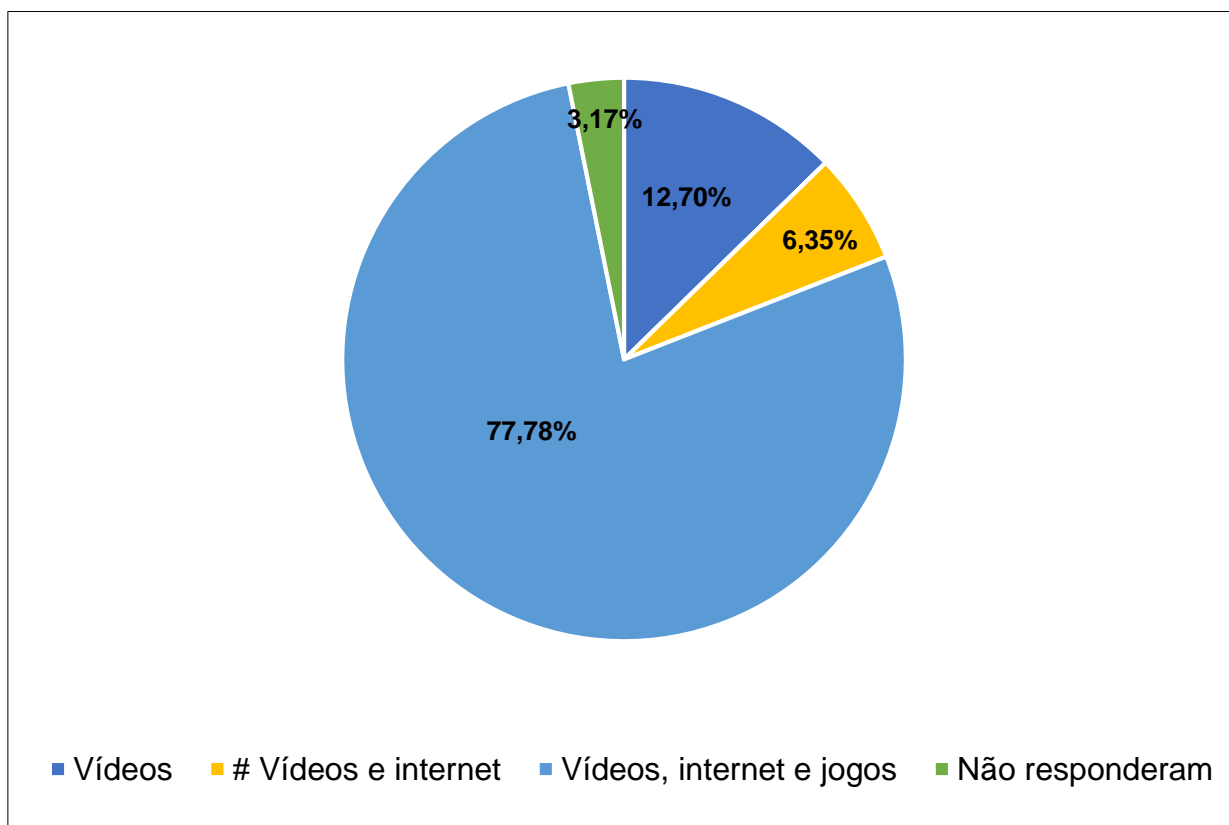


Gráfico 17. Recursos pedagógicos que poderiam ser utilizados para se falar sobre sexualidade na escola, na opinião dos professores do presente estudo.

Fonte: Autoria própria (2018).

#Foi solicitado aos professores que eles assinalassem apenas 1 das alternativas das questões objetivas do questionário, no entanto em algumas questões como se pode observar no gráfico 17, os docentes assinalaram mais de 1 alternativa.

Como defendido por Reis e Maia (2012) e Jardim (2008), independentemente do recurso pedagógico escolhido para se falar sobre sexualidade, é importante identificar as ferramentas que realmente podem ser utilizadas como instrumentos educacionais e avaliar sua aplicação de modo a promover uma aprendizagem significativa, crítica e eficaz por parte dos estudantes. É importante também, que esses materiais sejam adequados para cada faixa etária, pois a capacidade de compreender o conteúdo que cada um deles traz está relacionada ao estágio de desenvolvimento cognitivo de cada aluno.

Em relação aos assuntos que deveriam ser abordados na escola, a maioria dos professores (92,06% deles) respondeu que todos os assuntos indicados na questão deveriam ser tratados com os estudantes, ou seja, confirmaram a importância de se

debater na escola sobre doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, gravidez na adolescência e aborto, como observado no Gráfico 18.

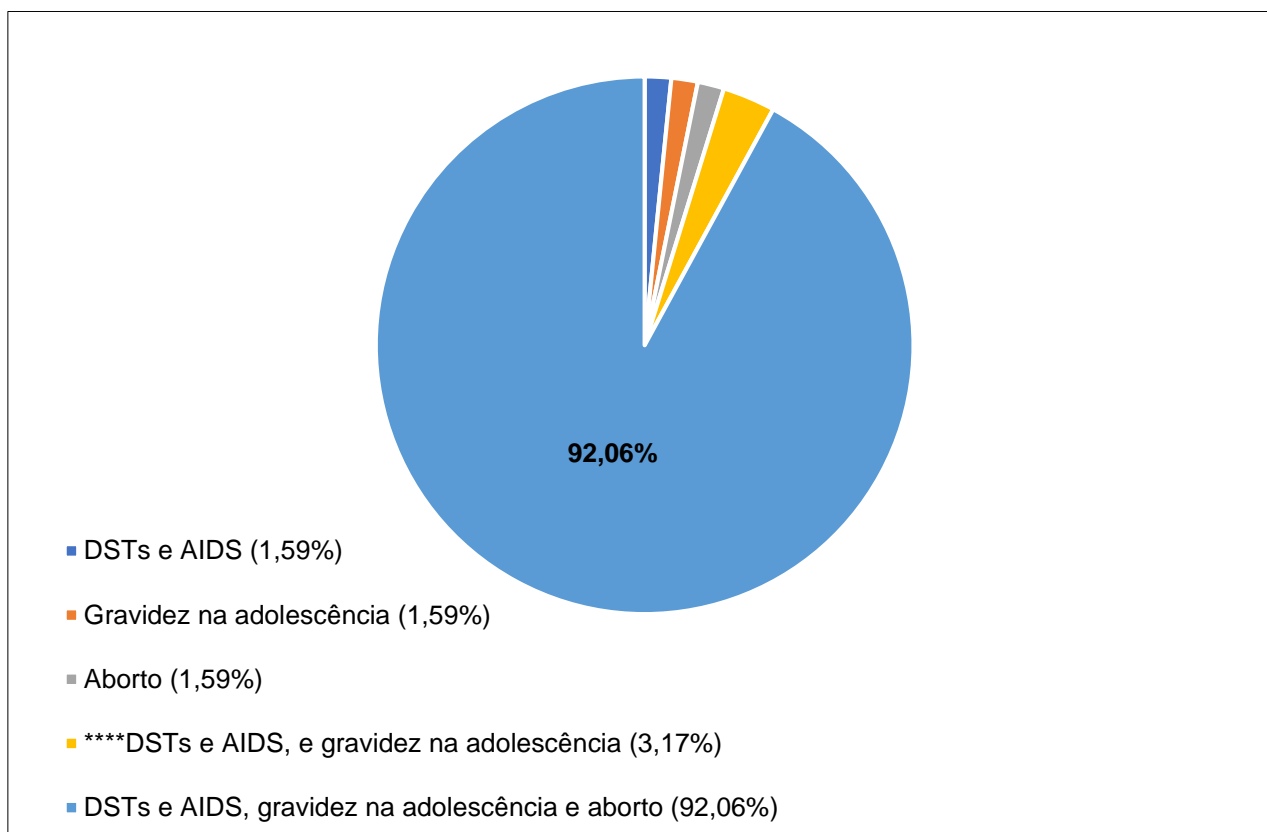


Gráfico 18. Assuntos que deveriam ser abordados na escola, na opinião dos professores do presente estudo.

Fonte: Autoria própria (2018).

****Foi solicitado aos professores que eles assinalassem apenas 1 das alternativas das questões objetivas do questionário, no entanto em algumas questões como se pode observar no gráfico 18, os docentes assinalaram mais de 1 alternativa.

Os temas citados no gráfico acima fazem parte do nosso contexto social atual, pelos altos índices de gravidez na adolescência e contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, veiculados diariamente pela mídia e demais meios de informação em massa (JARDIM, 2008). Dentro desse contexto, observa-se o papel fundamental que a escola possui em auxiliar na detecção de práticas que tornem o adolescente vulnerável, por exemplo, às dsts, ou à uma gravidez indesejada, e conscientizá-lo sobre o modo de prevenção desses casos.

Além disso, a escola deve participar diretamente da elaboração de ações educativas que visem à promoção da saúde dos educandos. As atividades educativas em saúde devem ser estruturadas de acordo com o contexto sociocultural vivenciado pelo adolescente, a fim de potencializar seu êxito. Tais estratégias podem ocorrer sob

a forma de palestras, oficinas, rodas de conversa, diálogos, entre outras atividades que permitam ao adolescente trocar experiências e esclarecer as suas dúvidas (BESERRA et al., 2008; COSTA et al., 2013).

Finalizando a apresentação dos dados obtidos nesse estudo, foi observado que mais da metade dos professores entrevistados (55,55% deles) disseram que “às vezes” abordam temas relacionados à sexualidade em sala de aula (Gráfico 19).

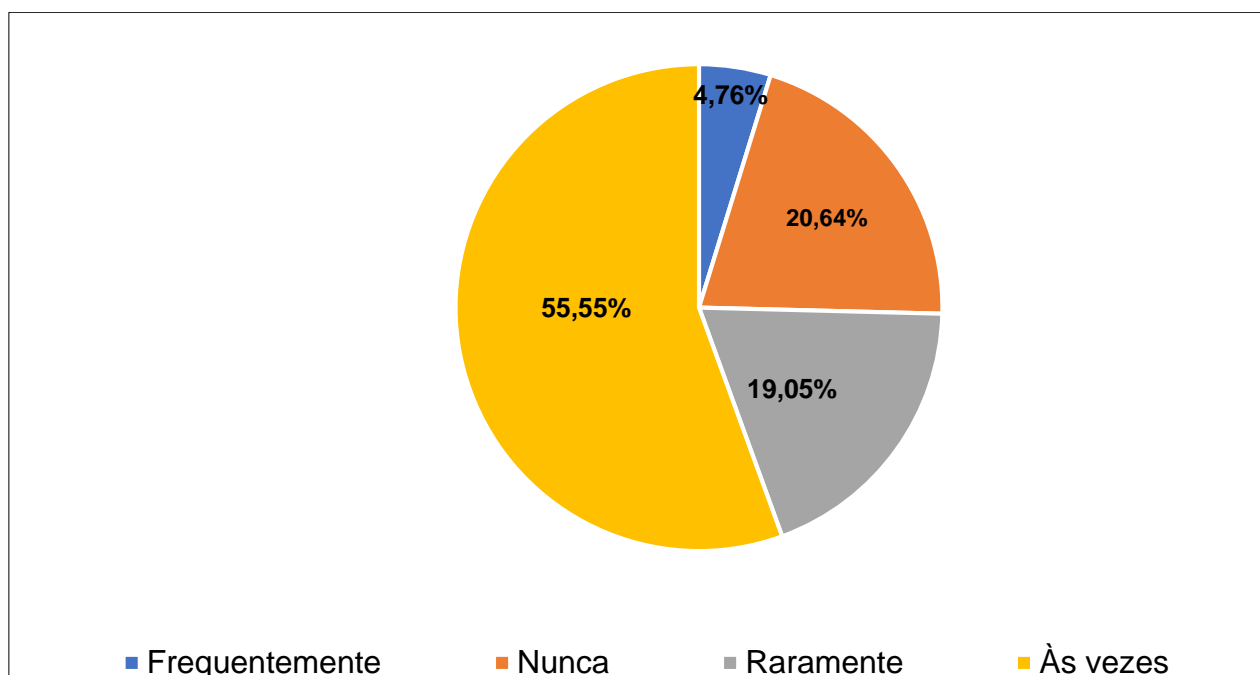


Gráfico 19. Frequência da abordagem de temas sobre sexualidade pelos professores do presente estudo.

Fonte: Autoria própria (2018).

E em relação ao preparo para orientar os alunos, a maior parte dos docentes entrevistados (65,08% deles) responderam se sentir preparados para orientar os estudantes sobre sexualidade. No entanto, um número considerável de professores (33,33% deles) responderam que ainda não se sentem preparados para orientar seus alunos sobre sexualidade, e dentre os motivos para tal eles indicaram: falta de capacitação técnica para essa abordagem; receio da represália dos pais dos alunos ao abordar tais assuntos; medo de ser mal-interpretado pelos estudantes durante as discussões sobre sexualidade; ou simplesmente por não se sentirem no dever de realizar essa orientação (Gráfico 20).

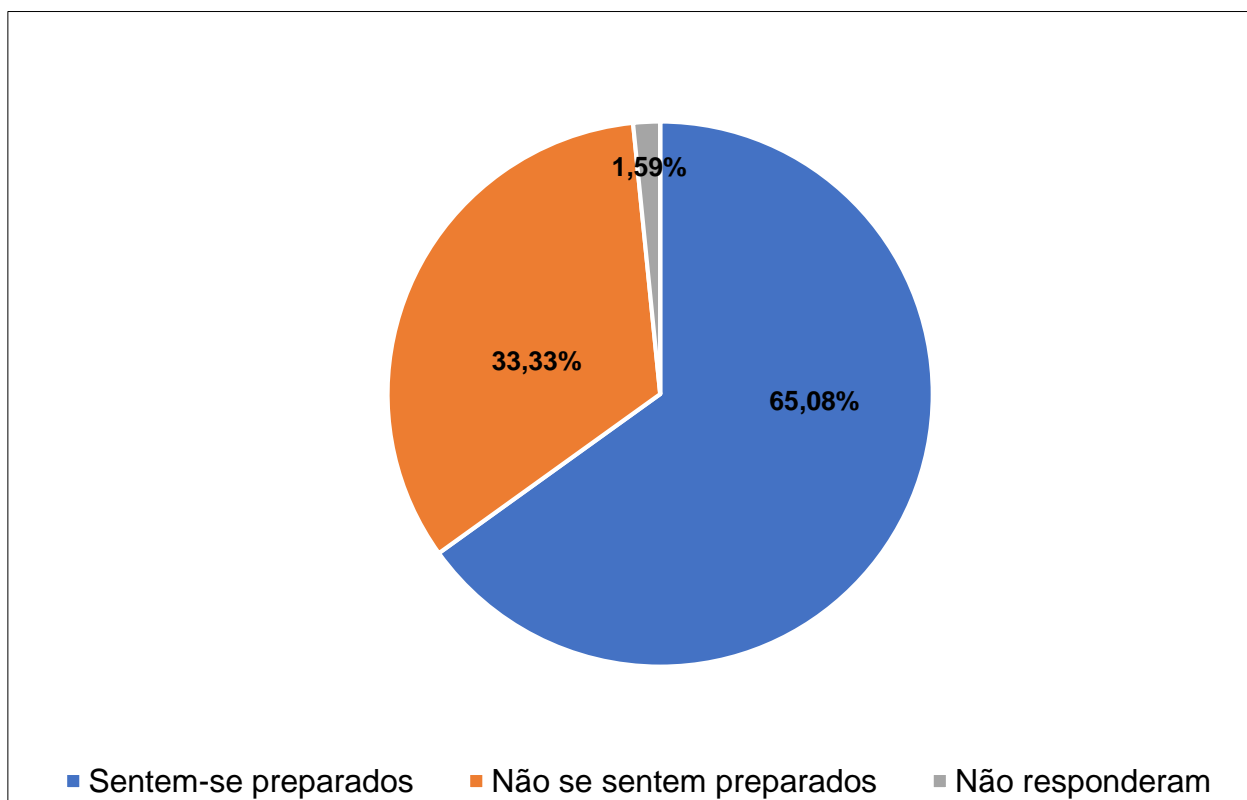


Gráfico 20. Preparo dos professores do presente estudo para orientar os alunos sobre sexualidade.
Fonte: Autoria própria (2018).

Apesar de não se saber a forma pela qual os docentes do presente estudo abordam assuntos relacionados à sexualidade em sala de aula, os dados mostrados acima revelam uma abertura desses profissionais para a discussão sobre sexualidade com os alunos, o que pode ser comemorado quando se visa a implementação da orientação sexual na escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A orientação sexual na escola é importante na formação de jovens capazes de vivenciarem sua sexualidade de maneira consciente e segura, livre de riscos físicos ou psicológicos. Dentro desse contexto, os professores possuem um papel fundamental, atuando como mediadores na aquisição de diversas informações sobre sexualidade pelos estudantes.

Porém, muitos docentes ainda reconhecem sua falta de preparo técnico e pessoal para essa função, o que compromete muito o trabalho de orientação sexual nas escolas. Os professores apontam também a necessidade de ajuda de outros setores da sociedade para esse trabalho, como a família e o governo.

A maior parte dos professores deste estudo relatou abordar o tema sexualidade em sala de aula, e também defenderam que essa abordagem deve ocorrer em todas as aulas, independente da disciplina, como defendem os PCNs. Alguns professores, no entanto, ainda passam essa responsabilidade somente aos docentes das disciplinas de Ciências e Biologia. Porém, mesmo os professores dessas áreas encontram dificuldades em abordar a sexualidade em seu aspecto subjetivo, limitando-se, muitas vezes, apenas ao seu enfoque biológico.

Os docentes apontaram também que os adolescentes utilizam-se de várias fontes para recolher informações sobre sexualidade, e uma das maiores consultadas por eles é a internet, o que causa preocupação quanto à qualidade das informações recolhidas. Os professores também compõem as fontes de conhecimento, porém, com menor frequência, tendo, ainda, a função de corrigir conceitos errados recebidos de outras fontes.

Quanto aos assuntos que deveriam ser abordados na escola, as Dsts, a AIDS, a gravidez na adolescência, e o aborto foram os indicados pelos docentes. Eles também relataram que vários recursos pedagógicos, como vídeos, a internet, e jogos podem ser utilizados para se trabalhar esses e outros temas ligados à sexualidade.

Em sua grande maioria, os professores entrevistados nesse estudo consideraram-se aptos a orientar seus alunos sobre sexualidade.

Portanto, diante da necessidade de se debater na escola não só questões biológicas, mas também questões subjetivas relacionadas à sexualidade, é necessário capacitar tecnicamente e pessoalmente os professores, proporcionando à

eles condições de ampliar seu conhecimento, com capacitações direcionadas à sexualidade.

Somente assim, os professores serão capazes de cumprir os objetivos da orientação sexual na escola, contribuindo para o desenvolvimento saudável da sexualidade de seus alunos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Juliana S.V.; MONTEIRO, Marlene M. A sexualidade e orientação sexual nas escolas. 2013. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?a-sexualidade-e-orientacao-sexual-nas-escolas&codigo=A0823&area=D11B>. Acesso em: 20 mai. 2018.

BANDEIRA, Josiane et al. Percepção de educadores sobre a orientação sexual na escola: um solo que nunca pisaram. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 10, n. 3, p. 1102-1108. 2016.

BEIRAS, Adriano et al. Crenças, valores e visões: Trabalhando as dificuldades relacionadas a sexualidade e gênero no contexto escolar. **Aletheia**, n. 21, p. 69-78. 2005.

BESERRA, Eveline P. et al. Adolescência e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: uma pesquisa documental. **DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v. 20, n.1, p. 32-35. 2008.

Brasil. MEC/INEP. **Censo Escolar 2017**. 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1diB1miZTKvuVByb9oXIXJgWbIW3xLL_f/view>. Acesso em: 30 jul. 2018.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. **Diretrizes para uma política Educacional em Sexualidade**. Série Educação Preventiva Integral. Brasília (DF): Ministério da Educação e Desporto, 1994. 44p. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001753.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília (DF): Ministério da Educação e Cultura (MEC), 1997. 126p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

BRÊTAS, José Roberto S. A Mudança corporal na adolescência: a grande metamorfose. **Temas sobre Desenvolvimento**, v.12, n.72, p.29-38. 2004.

COSTA, Ana Cristina P. J. et al. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz - Maranhão. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.34, n. 3, p.179-186. 2013.

DESIDÉRIO, Ricardo. **Sexualidade, educação e mídias: novos olhares, novas práticas**. Londrina: Eduel, 2016.

GONÇALVES, Randys C. et al. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v.5. 2013.

HABER, Judith. **Amostragem**. In: LoBiondo-Wood Geri, Haber Judith. Pesquisa em enfermagem - métodos, avaliação crítica e utilização. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2001. p.140-155.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/jose-bonifacio/panorama>>. Acesso em 03 abr. 2018.

JARDIM, Dulcilene P.; BRÊTAS, José Roberto S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.59, n2, p.157-162. 2006.

JARDIM, Dulcilene P. **Como e Quando começar a Orientação Sexual na escola: a opinião dos professores do município de Embu-SP**. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2008.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEÃO, Andreza M.C. **Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 2009. 343f. Tese (Doutorado em Educação escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2009.

LEÃO, Andreza M. C. et al. Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. **Revista Linhas**, v. 11, n. 01, p. 36-52. 2010.

MARTINEZ, Fernanda S. Por que os professores do Instituto Estadual de Educação Assis Chateaubriand se qualificam?. **Revista Thema**, v. 9, n. 2. 2012.

MOREIRA, Betina L.R.; FOLMER, Vanderlei. Educação sexual na escola: construção e aplicação de material de apoio. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 6, n. 2, p. 151-160. 2011.

MOURA, Ana Flora M. et al. Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar. **Psicologia Argumento**, v. 29, n. 67, p. 437-446. 2011.

PECORARI, Eliane P. D. N. et al. Orientação sexual em escolas de ensino fundamental: um estudo exploratório. **Cadernos de psicopedagogia**, v. 5, n. 9. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492005000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jul. 2018.

PIROTTA, Kátia Cibelle M. et al. A educação sexual na escola: elementos para uma avaliação dos esforços realizados. **Boletim do Instituto de Saúde** (Impresso), n.46. 2008. Disponível em: <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-18122008000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jul. 2018.

REIS, Verônica L.; MAIA, Ana Cláudia B. Educação sexual na escola com a participação da família e o uso de novas tecnologias da educação: Um levantamento bibliográfico. **Cadernos de Educação - FaE/PPGE/UFPel**, n.41, p.188 – 207. 2012.

SILVA, REGINA C. P.; MEGID NETO, JORGE. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 2, p. 185-197. 2006.

SUPLICY, Marta et al. **Sexo se aprende na escola**. 3. ed. São Paulo: Olho d água, 2000.

SUPLICY, Marta et al. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia**. 10 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

TEODORO, Jéssica O. S.; CUNHA, Marion M. Orientação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental: práticas e conceitos. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 5, n. 2, p. 153 – 161. 2014.

TONATTO, Suzinara; SAPIRO, Clary M. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n.2, p.163-75. 2002.

VERUSSA, Amanda Caroline C.; COAN, Cherlei Marcia. O trabalho sobre sexualidade nas escolas municipais de Campo Mourão-PR na concepção dos gestores educacionais. **Revista de educação do Ideau**, v.6, n. 14. 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS DOCENTES

Esse questionário é parte integrante de uma monografia de conclusão de curso de Especialização em Ensino de Ciências, oferecido pela UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná). A monografia é intitulada como “Estudo sobre orientação sexual nas escolas públicas do município de José Bonifácio – SP.”, e busca identificar o conhecimento e a prática de professores sobre orientação sexual, bem como ter uma dimensão do nível de dificuldade dos mesmos ao lidar com a sexualidade dos seus alunos.

Ao responder o questionário, assinale apenas uma das alternativas das questões objetivas.

1- Nome da escola:

2- Idade: _____

3- Sexo: F () M ()

4- Estado civil: _____

5- Número de filhos: _____

6- Algum deles é adolescente?

Sim () Não ()

Se sim: quantos adolescentes: _____

7- Renda familiar:

a) até R\$ 1.000

b) de 1.000 a 2.000

c) de 2.000 a 3.000

d) de 3.000 a 4.000

e) Mais de 4.000

8- Qual a sua Religião? _____

8 a. Por favor, assinale se não tem uma religião ()

9- Qual a sua Formação:

- a) Graduação
- b) Especialização
- c) Mestrado
- d) Doutorado
- e) Especialização Incompleto
- f) Mestrado Incompleto
- g) Doutorado Incompleto

10- Há quantos anos você exerce a profissão de professor? _____

11- Qual(is) disciplina(s) você ministra?

12- Horário(s) da(s) sua(s) aula(s)?

- a) Somente manhã
- b) Somente tarde
- c) Somente Noite
- d) Manhã e tarde
- e) Tarde e noite
- f) Manhã e noite
- g) Manhã, tarde e noite

13- Quem deveria orientar sobre sexualidade?

- a) A família
- b) Os professores
- c) O governo
- d) Todos os listados anteriormente

14- Em quais momentos se deveria falar sobre sexualidade na escola?

- a) Em todas as aulas

- b) somente nas aulas de Ciências e Biologia
- c) Somente em palestras sobre sexualidade
- d) Não se deveria falar sobre sexualidade na escola

15- Quais dos recursos pedagógicos listados poderiam ser utilizados para falar sobre sexualidade na escola?

- a) Vídeos
- b) Internet
- c) Jogos
- d) Todos os listados anteriormente

16- Quais desses assuntos deveriam ser abordados na escola?

- a) Doenças sexualmente transmissíveis e Aids
- b) Gravidez na adolescência
- c) Aborto
- d) Todos os listados anteriormente

17- A sua escola desenvolve alguma atividade de educação sexual?

- a) Sim, frequentemente
- b) Não, e nunca desenvolveu
- c) Raramente desenvolve
- d) Às vezes

18- Você aborda o tema da sexualidade durante suas aulas?

- a) Sim, frequentemente
- b) Não, e nunca abordei esse tema
- c) Raramente abordo esse tema
- d) Às vezes

19- Na sua opinião, qual(is) a(s) fonte(s) que os adolescentes recorrem para obter informações sobre sexualidade?

- a) Tv

b) Internet

c) Amigos

d) Família

e) Outros _____

20- Você se sente preparado para orientar seus alunos sobre sexualidade?

Sim Não

Se a sua resposta foi Não, por favor justifique:
